

Filhos do Combu: A paisagem mágica como palco das vivências e mitos¹

Adriane Jackson de VASCONCELOS²
Clívia Regina Pinheiro da SILVA³
Gabriel Pereira dos SANTOS⁴
Graziela dos Santos FERREIRA⁵
Roberto Marinho da Silva FILHO⁶
Vânia Maria Torres COSTA⁷
Universidade de Federal do Pará, PA

RESUMO

As definições para Amazônia podem ser diversas. As mais comuns estão ligadas as suas riquezas naturais, a fauna e flora. No entanto, nesta região existem distintas culturas, entre elas podemos encontrar a cultura ribeirinha. Baseado, entre outros autores, no texto de Paes Loureiro sobre a Visualidade Amazônica, extraído do livro “Cultura Amazônica: Uma poética do imaginário”, e com objetivo de conhecer e analisar seus conceitos, realizamos entrevistas com 4 moradores da Ilha do Combu, objeto deste artigo. Por meio destas entrevistas foi possível perceber como é a relação do ribeirinho com a paisagem mágica, os rios, a floresta, os mitos e as suas vivências pessoais, que são algumas das temáticas abordadas na obra de Paes Loureiro.

Palavras-Chave: mitos, paisagem mágica, vivências, ilha do Combu, Paes Loureiro.

1 INTRODUÇÃO

Inspirado no livro do poeta paraense João de Jesus Paes Loureiro, “Cultura Amazônica: Uma poética do imaginário”, que aborda questões culturais da comunidade ribeirinha, o presente trabalho se propôs a constatar o que autor abordou em sua obra.

Ao pensar em um ambiente onde poderiam ser observados os conceitos de Paes Loureiro, elegemos a Ilha do Combu, em Belém do Pará, para o desenvolvimento da

¹Trabalho apresentado ao IJ - DT8 - Intercom Júnior – Estudos Interdisciplinares da Comunicação no 41º Congresso de Ciências da Comunicação – Joinville – SC.

² Estudante de Graduação do 6º. semestre do Curso de Publicidade e Propaganda da Universidade Federal do Pará – UFPA. <adrianejackson.avj@gmail.com>

³ Estudante de Graduação do 6º. semestre do Curso de Publicidade e Propaganda da Universidade Federal do Pará – UFPA. <cliviar.pinheiro@gmail.com>

⁴ Estudante de Graduação do 6º. semestre do Curso de Publicidade e Propaganda da Universidade Federal do Pará – UFPA. <bielperera@gmail.com>

⁵ Estudante de Graduação do 6º. semestre do Curso de Jornalismo da Universidade Federal do Pará - UFPA. <grazielasantosferreira22@gmail.com>

⁶ Estudante de Graduação do 6º. semestre do Curso de Jornalismo da Universidade Federal do Pará - UFPA. <robrtomarinho@gmail.com>

⁷ Orientadora do trabalho. Doutora em Comunicação e Professora do Curso de Comunicação Social da UFPA. <vaniatorrescosta@gmail.com>

pesquisa por ser uma região composta por comunidades ribeirinhas. O estudo começa com a análise do espaço geográfico para situar o recorte escolhido.

A ilha do Combu é uma das diversas ilhas que fazem parte da cidade de Belém. Além desta última, a Região Metropolitana abrange também os municípios de Ananindeua, Marituba, Benevides e Santa Bárbara do Pará. Criada em 1973 pela Lei Complementar Federal nº. 14/73, a região tem uma área de 3.566 km².

Ambiente onde diferentes dinâmicas atuam e coexistem, a metrópole do Norte é predominantemente caracterizada pela urbanização no qual um levantamento feito no ano de 2010 aponta que o grau de urbanização chegava a 96,1% e 1/3 da população estadual residia na região, já no ano de 2017 o número da população chegou a 8.366.628 pessoas.

A cidade de Belém é a capital do estado do Pará e foi fundada no dia 12 de janeiro de 1616 pelos portugueses, desenvolvendo sua construção a partir da baía do Guajará, com uma população que em 2017 chegava a mais de 1.452.275 pessoas em uma área territorial de 1.059 Km². A economia é baseada nas atividades de comércio e serviços, assim como a indústrias alimentícias, navais, metalúrgicas, químicas, pesqueiras e madeireiras.

Os espaços culturais e pontos turísticos deixam em evidência várias culturas existindo e se misturando como é o caso, predominantemente, da cultura indígena, negra e portuguesa que mescladas, deram origem ao povo caboclo da Amazônia.

2 A ILHA DO COMBU

Em seu contexto brasileiro, o município de Belém possui 65% da sua área composta por pelo menos 39 ilhas. Entre elas, encontra-se a ilha do Combu. Em espaço territorial é a quarta maior ilha do município localizada a 1,5 Km do sul da cidade, de acordo com o site da Ideflorbio. Ao norte é banhada pelas margens do rio Guamá, ao sul é circundada pelo Furo São Benedito, a leste pelo Furo da Paciência e a oeste pela Baía do Guajará.

Ainda segundo a Ideflorbio, a ilha apresenta um ecossistema típico da várzea. Sua população gira em torno de 1.500 habitantes que tem como atividades de subsistência a pesca e o extrativismo dos recursos da floresta, principalmente o açaí. O cacau também tem se tornado uma semente responsável por movimentar parte da economia da ilha. Os cursos de água são os rios de Bijogó, Guamá, Acará e os furos da Paciência e o Periquitaquara.

Por meio da Lei estadual nº 6.083 de 13/11/1997, a Ilha do Combu foi reconhecida como área protegida. O objetivo é proteger e restaurar a diversidade biológica, os recursos genéticos, as espécies ameaçadas de extinção e promover o desenvolvimento sustentável.

O olhar do visitante logo se fascina com a paisagem da Ilha do Combu. Com sua floresta no entorno do rio, cada vez mais movimentada com a entrada de turistas para conhecer as malocas, a ilha não somente conta com recursos naturais, de fauna e flora, mas também de histórias e vivências dos moradores que na maioria das vezes nasceram e foram criados lá e que não pensam em outra possibilidade de vida a não ser essa, na beira do rio, pescando e colhendo alimentos, preenchendo a vida com a tranquilidade da natureza. Plenitude vez ou outra interrompida nos finais de semana com a movimentação de turistas e visitantes que, em busca de comidas e lazer, navegam pelas águas barrentas da Ilha do Combu.

3 O IMAGINÁRIO E A VISUALIDADE AMAZÔNICA

Antes de abordar a visualidade amazônica sob a percepção de Paes Loureiro, é necessário entendermos melhor o conceito de imaginário. Para isso, podemos citar a concepção proposta pelo antropólogo e filósofo da ciência, Gilbert Durand. Nessa acepção o imaginário refere-se à, de acordo com Anaz et al (2014, p. 06), “atitudes imaginativas que resultam na produção e reprodução de símbolos, imagens, mitos e arquétipos pelo ser humano”. Isto é, estes “elementos formam o “imaginário” cuja principal função seria levar o homem a um equilíbrio biopsicossocial diante da percepção da temporalidade e, conseqüentemente, da finitude” (ANAZ et al. 2014, p. 06). Quanto ao mito Durand (2008, p. 270 *apud* LIMA & FERNANDES, p. 09) destaca que “os valores, os costumes, os ritos, os mitos, as lendas e histórias, enfim, toda a tradição ressurgem no próprio interior da antropologia”. Isto é, um sistema de símbolos que compõe o relato do que se apresenta na forma de história. Por fim, podemos dizer que o imaginário é a forma como o homem, coletiva ou individualmente, dá sentido ao mundo. São imagens que dão significado às coisas.

No livro “Cultura Amazônica: Uma poética do imaginário”, o escritor e poeta, João de Jesus Paes Loureiro, aborda a visualidade amazônica. No capítulo referente a esta temática ele narra, em linguagem poética e fazendo referência à obras de autores amazônidas e lendas gregas e medievais, sobre a paisagem que cerca o povo caboclo, ribeirinho e indígena. Fala de uma realidade imediata e outra mediata em que afirma:

A paisagem amazônica, composta de rios, floresta e devaneio, é contemplada pelo caboclo como uma dupla realidade: imediata e mediata. A imediata de função material, lógica, objetiva. A mediata de função mágica, encantatória, estética. [...] (LOUREIRO, 2015, p. 132)

A paisagem mágica está ligada tanto à realidade como ao imaginário do homem amazônida. Desta fazem parte o rio e a floresta. O ribeirão faz uso do rio para a pesca e navegação e da floresta para o plantio e coleta de alimentos e outros produtos. Nestes locais habitam peixes e outros animais, mas no imaginário amazônico habitam também criaturas mágicas como o boto e o curupira. O autor afirma que “O mundo físico exige uma explicação imaginal” (LOUREIRO, 2015, p. 151). O ribeirão tem na paisagem um pressuposto de sua vida e a condição ambiental de sua cultura.

Assim Paes Loureiro (2015) descreve o cenário do ponto de vista de alguém que também faz parte da região amazônica e com uma abordagem que na grande maioria das vezes não é tão tratada: as vivências, costumes e mitos do caboclo com este meio.

Este artigo é baseado em duas temáticas abordadas no capítulo: as vivências e mitos que estão interligadas com a floresta, o rio e a paisagem mágica. Abaixo apresentaremos os 4 personagens entrevistados, a metodologia desta pesquisa, as vivências na paisagem mágica e os mitos da ilha do Combu.

4 PROCESSO METODOLÓGICO E OS PERSONAGENS

O artigo foi desenvolvido na disciplina de Estudos de Temas Amazônicos II, ministrada pela Professora Dra. Vânia Torres, e consistia em desenvolver trabalhos sobre as regiões de integração do Pará - Divisão administrativa proposta pelo governo do estado.

Desse modo, para melhor compreender a temática do imaginário na prática e após o levantamento bibliográfico, optamos por fazer uma pesquisa de campo na Ilha do Combu. A pesquisa consistiu em uma viagem, feita de barco até o Combu, realizada em 12 de janeiro de 2018. Durante o processo, entrevistamos 4 moradores (anexo I) que residem por décadas na região, como forma de contribuir para a pesquisa a partir de seus relatos pessoais sobre as modificações no espaço, as vivências e as narrativas mitológicas que fazem parte da rotina dos habitantes locais. As idades deles variam entre 55 e 94 anos, tendo assim, bastante a somar no trabalho de coleta de depoimentos. Os entrevistados são:

1. **Rui de Sousa Quaresma** - 79 anos, casado, pai de oito filhos, 20 netos e 12 bisnetos, mora há vários anos na ilha;
2. **Angélica Pena Quaresma** - 94 anos, viúva, mora há mais de 80 anos na ilha e o terreno onde mora foi cedido pelo seu então sogro para a construção da primeira escola municipal da ilha do Combu;
3. **Leonice de Sousa** - 78 anos, viúva, nascida e criada na ilha do Combu;

4. **Eronildo dos Santos Costa** - 55 anos, casado, trabalha como barqueiro transportando passageiros via Belém-Combu na travessia do rio Guamá, mora há bastante tempo no Combu.

As entrevistas foram feitas nas casas dos moradores. Utilizamos um gravador de celular e bloco de anotações para armazenar as entrevistas para serem decupadas posteriormente. Os áudios de cada entrevista possuem cerca de 15 minutos cada. Estes, após a gravação, foram decupados e digitados em um documento no *Microsoft Word*, somando ao todo 16 páginas. Os entrevistadores foram, principalmente, os estudantes de jornalismo Roberto Marinho e Graziela Santos. A estudante de publicidade, Adriane Jackson ficou responsável por registrar imagens dos moradores e das paisagens do local. Para a captura da foto foi utilizada a câmera *Nikon D700*. Foram feitas pequenas modificações quanto ao contraste e brilho no *software Adobe Photoshop*, para melhoria da qualidade da imagem dos entrevistados.

Com a decupagem pudemos trabalhar melhor a junção de informações da teoria proposta por Paes Loureiro com as respostas dos moradores e dessa forma destacar os trechos mais importantes para esse artigo. Foi um tom de conversa, buscando deixar os entrevistados o mais confortável possível durante as entrevistas. Entre as perguntas feitas aos moradores estão tanto as mais básicas, como nome, idade e tempo em que moram na Ilha do Combu, quanto as de principal foco da pesquisa, como “o que Ilha do Combu significa para você?”, “Você já teve alguma experiência ou ouviu relatos sobre figuras mitológicas na ilha?”, “Qual sua relação com os demais moradores?”, entre outras, para que dessa forma pudessemos conhecer um pouco mais da rotina de convivência dos moradores da Ilha do Combu.

5 INTERAÇÕES SOCIAIS, NARRATIVAS MIDIÁTICAS E VIVÊNCIAS NA ILHA DO COMBU

A cultura amazônica é uma produção humana que vem incorporando na sua subjetividade, no inconsciente coletivo e dentro das peculiaridades próprias da região, motivações simbólicas que resultam em criações que estreitam, humanizam ou dilaceram as relações dos homens entre si e com a natureza. É desta natureza plurivalente qual Paes Loureiro afirma que o homem retira tanto a sua subsistência material, como também espiritual, isto é, torna-se o palco de suas experiências pessoais e inúmeras vivências. As

relações humanas dentro desse espaço são um marco importantes nessas construções sócio afetivas.

Por reconhecer nas dinâmicas interacionais amazônidas particularidades que precisam ser analisadas e que sejam, potencialmente, capazes de contribuir para as discussões levadas a cabo na área da Comunicação, assumimos investigar as dinâmicas da vida dos residentes da ilha do Combu, entendendo que a comunicação tem como objeto de estudo as interações a partir das quais as pessoas se constituem social e culturalmente.

Tratar de população amazônida é lidar com um formato particular tanto de gestão dos recursos naturais quanto de organização social. Tendo em vista que a Amazônia desta pesquisa é a da floresta e dos rios, rica de elementos essenciais para a percepção de mundo da população que nela vivem e que apresenta populações marcadas pela presença e interação com estes elementos, ao ponto de não desaparecerem mesmo diante de contextos de urbanização.

Para Sousa (2012, p. 184) “a capacidade de perceber o espaço, de aprender e de socializar conhecimento numa região como a Amazônia, implica na capacidade de fazer mediações sócio, alicerçadas pela interação com o outro e baseada nos sentidos”.

Na profunda vivência e proximidade com a natureza não há estranheza para as comunidades que neste meio habitam. Conforme corroboram Monteiro e Colferai (2011, p. 38) “[...] para além das visões míticas e discursos ambientalistas, a Amazônia é habitada por populações milenares, que aprenderam a conviver com a natureza que se impunha a sua volta”.

Na análise do conceito de “comunidade” Chaves (2001, p. 77) aponta:

“Se constitui num espaço onde se estabelecem a construção de identidades sociais, de projetos comuns, mas também, de manifestação da diversidade. Portanto a comunidade é o espaço em que se solidificam as relações sociais e modos de vidas específicos, bem como, formas de gestão apropriadas dos recursos locais”.

Neste mesmo sentido Laraia (1999, p. 46) explicita “o homem é o resultado do meio cultural em que foi socializado. É um herdeiro de um longo processo acumulativo, que reflete o conhecimento e a experiência adquirida pelas numerosas gerações que o antecederam”.

Assim, na viagem de campo à ilha do Combu, percebemos que ao mesmo tempo que, a natureza é o meio de subsistência dos moradores dessa comunidade, ela também configura-se como um espaço social de vivências, saberes e experiências multilaterais. Desta forma, o sujeito constitui-se como um dos elementos da paisagem na sua importância

de interagir. O discurso dominante sobre a Amazônia, apaga ou invisibiliza os sujeitos em narrativas midiáticas, e foca principalmente nos atrativos da natureza exuberante e as potencialidades turísticas que ela pode oferecer.

Narrativa herdada dos expedicionários que vieram até o Brasil e viam o território como uma nova terra a ser conquistada, “descoberta” e pronta para ser registrada (Costa, 2015, p.01). Os viajantes desenharam e anotaram características da flora, fauna e nativos da região. Evidentemente, a catalogação sobre as populações locais eram, em grande parte, realizada pela visão de um homem europeu, que enxergava o território amazônico, em um primeiro momento, como um grande paraíso, o éden na terra, onde tudo era farto e maravilhoso, sem dar espaço para as vozes daqueles que entendiam aquele espaço para além da subsistência, onde desenvolviam relações sociais, crença e o repassavam conhecimentos.

Dessa forma, o discurso colonizador ainda é presente nas diversas produções midiáticas, que por sua vez são responsáveis por disseminar e perpetuar estereótipos. Segundo Dutra (2009, p. 23-24 apud Lima, 2016, p. 1199), essas produções acabam revelando uma visão de “Pensamento hegemônico brasileiro que mantém sobre a região: permanente redescoberta, espanto, distanciamento, encanto e estranhamento. Um lugar exótico, social e culturalmente não incorporado ao todo nacional”. Exemplos surgem em abundância em seus mais diversos gêneros como no telejornalismo, na mídia impressa, audiovisual. Na dramaturgia um exemplo é a série “As Brasileiras” exibida na Rede Globo. Composta por 22 episódios, conta a história de mulheres de diferentes regiões do país. O terceiro episódio da série “A selvagem de Santarém”⁸ mostra a atração de Diogo pela lenda das amazonas antropófaga. Encorajado pelo amigo Furtado, vão para o meio da selva, já que Diogo quer fazer um documentário sobre o tema, mas precisa de evidências que comprovem a lenda. Não serão necessários muitos minutos para identificar uma reunião de estereótipos presentes na construção da trama, já que o título já mostra indícios do que se pode esperar sobre uma visão de Amazônia, visto que a história tem como cenário Santarém, cidade localizada a 1431 km de Belém, capital do estado do Pará.

Dessa forma, ao conhecer melhor a região por meio do desenvolvimento desse trabalho, percebemos que nesse espaço amazônico existem sujeitos e personagens da sua própria história, e que a variabilidade de elementos está nas narrativas mitológicas, na

⁸ Disponível em <https://www.dailymotion.com/video/xosftk>

natureza e acima de tudo, nas construções sociais dos sujeitos nesse espaço com um forte apelo sentimental e imagético. Pizarro (2012), em relação à Amazônia, afirma que:

Como qualquer explorador, chegamos com imagens preconcebidas e com os mitos produzidos sobre ela, como o do território verde com populações indígenas, do paraíso, do pulmão do mundo, entre tantos outros. Como dizíamos, uma consideração ampliada do cultural pode vir a incorporar uma variedade de elementos, mas nossa inquietude se orienta especialmente para o modo como foram construídos, e ainda se constroem, no discurso, os imaginários sobre esta área. (PIZARRO 2012, p. 29)

Os processos de socialização e troca de vivências, são parte fundamental da rotina dos moradores da ilha. Leonice de Sousa, uma de nossas entrevistadas, ao ser questionada sobre o que lugar onde mora tinha de único, disse:

A nossa convivência... o ânimo que a gente tem... as pessoas unidas, amigas... a gente tem amizades com as pessoas, não tem inimizades. Tudo isso eu acho que seja bom. E eu sou uma pessoa assim... que todo mundo me considera, me respeita, gosta de mim. As pessoas vêm aqui no restaurante. Eles vêm me cumprimentar... e eles gostam muito... eles tiram foto comigo... eu sinto assim um ânimo. (SOUSA, Leonice de. 2018)⁹

Em sua fala foi possível perceber sua forte relação com a comunidade e que suas vivências e construções estavam pautadas pela convivência em um espaço que se constitui “pelas pessoas, pela amizade, pelos vizinhos, pela convivência”, de acordo com Leonice.

Dessa maneira, é notável perceber a diferença entre habitantes da ilha e os da cidade, especialmente na faixa etária dos entrevistados, pois no grupo entrevistado eles demonstram uma relação de afetividade à Ilha do Combu, não querendo se distanciar dele ou sem pretensões de morar na cidade. Sua convivência social está formada pelo grupo de pessoas que convivem próximas umas das outras, como vizinhos e familiares. Já em grupos urbanos, não é tão perceptível essa ligação mais íntima com vizinhos, por exemplo, e a relação de afetividade e vivências com o espaço onde habita também é diferente.

No contexto de interação na ilha do Combu, presentes nas formas tradicionais de organização familiar atreladas ao meio ambiente e ao compartilhamento daquilo que a natureza proporciona, permite que os idosos estejam inseridos nesses processos sociais ao mesmo tempo que, sentem-se incluídos na comunidade.

Angélica Quaresma, outra entrevistada da pesquisa, mostrou surpresa ao falar de alguns lugares “onde as pessoas não se visitam” e, que ali onde ela morava, ao lado de uma

⁹ Em entrevista à pesquisa [jan. 2018]. Entrevistador: Roberto Marinho da Silva Filho. Belém, 2018. Arquivo .mp3 (15 min.).

escola municipal, as pessoas estavam presentes no seu cotidiano, e reiterou dizendo na sua linguagem característica que “aqui não falha gente”.

Para compreender esses grupos sociais é preciso conhecer seu cotidiano, é necessário considerar o contexto histórico no qual estão inseridos, suas manifestações e práticas culturais. Entender o modo de vida dos sujeitos que habitam a Amazônia não significa apenas descrever a riqueza dos seus recursos naturais, mas, sobretudo, compreender sua cultura e sua história mediada por suas vivências.

Desta forma, a “paisagem mágica”, torna-se o palco dessas vivências, e esta é estruturadora de novas relações afetivas interligadas ao misticismo e a sensibilidade que aflora das densas áreas da floresta amazônica. Os sujeitos não estão à margem da paisagem, eles a integram e reformulam suas interações a partir dela e para os outros. Ao falar dessa relação sensível entre paisagem e sujeitos Paes Loureiro (2015) reitera:

Diante da paisagem - como uma unidade capaz de impregnar a alma de uma emotividade espontânea - o homem da Amazônia, o caboclo, experimenta um estado de sensibilidade afluída, que se confunde com um estado poético. É a força de uma paisagem entronizada na alma amazônica, e que a realimenta liricamente. (LOUREIRO, 2015, 134)

A ideia de que os povos da Amazônia mantêm um modo de vida estritamente tradicional rural não deve ser considerada, tal como se vivessem de modo primitivo e parado no tempo. Suas manifestações culturais e sociais se expandem pelo espaço urbano e rural, assimilando algumas práticas e rejeitando outras. Ainda que reproduzam manifestações ditas tradicionais em suas vidas cotidianas, não se pode afirmar que esses grupos sociais não estejam inseridos em um processo de transformação cultural, levando em consideração a formação atual desses povos que receberam contribuições de diversas culturas.

6 OS MITOS DA ILHA DO COMBU

O cenário Amazônico é rodeado por lendas que são contadas de formas diversas e fazem parte do imaginário dos povos que habitam a região. Muitas dessas lendas são passadas de geração a geração e há habitantes que narram que já tiveram contato com alguns seres fantásticos dos mitos ou lendas amazônicas. No livro “Cultura Amazônica: Uma poética do imaginário”, Paes Loureiro (2015), aborda as questões da visualidade amazônica e do imaginário que cerca o cenário e a vida do caboclo. Os rios e a floresta servem tanto para a sua sobrevivência, isto é, sua realidade imediata, quanto para seu imaginário, sua realidade mediata. Isso acontece, pois, estes locais também servem como

habitat dos seres míticos, como o curupira e o boto, que são bem conhecidos no contexto amazônica. Estes últimos foram as figuras mais citadas nas entrevistas com os moradores da Ilha do Combu. Sobre as encantarias e ligação destas com os rios e a realidade imediata, Paes Loureiro (2007) afirma que:

As encantarias, como o lugar dos encantados submersos nos rios da Amazônia, de certo modo, revelam a liberação da função não utilitária do rio, valorizando a relação deste com o imaginário, em detrimento das funções práticas e de uso que constituem a natureza imediata ou *material* do rio. (LOUREIRO, Blog do Paes. 2007)

Desse modo, podemos perceber que além do uso material deste espaço o caboclo também concebe a ele um significado imaginário ou mágico, em que seres fantásticos são os personagens que, muitas vezes, se misturam com a realidade e, segundo os ribeirinhos, podem assumir aparência humana, como no caso do boto que se transforma em homem.

Nos relatos coletados durante a visita a ilha do Combu, os personagens contaram que eles ou parentes e conhecidos já tiveram contato com o curupira e boto. Um dos exemplos é a história contada por Angélica Quaresma na qual afirma que em uma certa manhã, quando foi buscar alimento para uma criança que cuidava, ela se perdeu na mata e foi encontrada somente a tarde. Angélica acredita que foi o curupira que a fez se perder no meio da floresta.

Já na história contada por Leonice de Sousa, ela afirma que um sobrinho queria ver o boto. Certa noite, o rapaz viu alguém sentar na rede com ele e logo depois percebeu que era o boto. Em outro relato, Leonice contou que seu pai vinha em uma canoa de Belém para o Combu quando três rapazes pediram para ele os transportar até a entrada da ilha. Em meio a uma conversa, os rapazes perguntaram ao pai da entrevistada se ele tinha três filhas. Ao confirmar, os jovens contaram que sempre passavam pela frente da casa dele. Na chegada ao local desejado, os homens se jogaram no rio e começaram a “bubuiar” (flutuar) na água, ato que segundo os locais é feito pelo boto. Deste modo, ela acredita que eles eram esta figura mítica em forma de ser humano.

Estes relatos, contados de forma tão natural pelos personagens deste trabalho, reforçam a teoria narrada por Paes Loureiro (2015) em sua obra, na qual afirma que os mitos fazem parte das vivências do caboclo. De certa forma a paisagem mágica é vista de modo estetizado, como constata o autor:

Os homens passam pelo rio, usam o rio, trabalham no rio, alimentam-se do rio, navegam pelo rio, vivem no rio e morrem no rio. Todavia, pelo devaneio, percebem que há uma outra realidade que lhes estimula um estado de alma diferente, que lhes permite olhar e perceber esse rio de

uma outra forma, plena de um mistério encantatório, magicamente real, capaz de fazer desse rio uma realidade simbólica sensível e que se revela como “uma finalidade sem a representação de um fim”. Algo que corresponde a uma situação estetizada. (LOUREIRO, 2007).

Na entrevista com Eronildo Costa pudemos perceber as diferentes ligações com o rio, pois ele trabalha como barqueiro fazendo uso deste meio para transportar os visitantes para a Ilha do Combu. Ou seja, está ligado à sua realidade. Porém, ele também acredita nas encantarias, como boto e curupira, já ligando este cenário ao seu imaginário. No relato de Rui Quaresma, além de suas vivências e lembranças do Combu, antes de se tornar um lugar muito visitado, ele conta que um parente seu teve contato com o curupira e se perdeu na floresta.

Percebe-se dessa forma que o curupira e boto são duas das encantarias mais recorrentes nos relatos dos moradores e que as vivências e o cenário que fazem parte da ilha do Combu e do cotidiano dos personagens possuem interpretações ligadas ao imaginário e devaneio dos povos ribeirinhos, fazendo parte de uma das diferentes culturas existentes na Amazônia. Isto também confirma as teorias e conceitos abordados por Paes Loureiro.

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A proposta deste artigo foi discorrer brevemente sobre a região metropolitana de Belém, na qual encontra-se a Ilha do Combu. Como dito anteriormente, escolhemos esta ilha por ser habitada por ribeirinhos e ter uma paisagem cercada por rios e floresta preservados. Além disso, mesmo próxima à região urbana a ilha apresenta características próprias relacionadas a cultura ribeirinha. Os mitos fazem parte de seu cotidiano e imaginário, suas vivências são diferentes e estão muito ligadas à amizade, colaboratividade e ao uso do rio e floresta para a subsistência.

A escolha pela visita a esta ilha com objetivo de entrevistar moradores locais, e não só coletando informações disponíveis na internet, deu-se justamente para conhecer de perto parte da realidade dos moradores locais e do convívio com a paisagem que os cercam. Apesar de se restringir a apenas 4 entrevistas e em sua maioria com pessoas idosas, ela foi fundamental para entendermos a relação destes habitantes mais antigos com esta região, pautando desde sua vivência pessoal e memórias até os mitos que eles creem existir ou ter existido na ilha do Combu.

Deste modo, constatamos na prática que os conceitos de Paes Loureiro (2015) se fazem presentes e contribuem para a visualidade amazônica e um maior conhecimento da

realidade e cultura combuense. Os mitos, as vivências, as realidades mediata e imediata estão no cotidiano dos moradores. Eles se utilizam do imaginário para explicar situações envoltas na paisagem mágica e dão valor às amizades e união que encontram nesta região. Assim, para os entrevistados, sair da ilha para habitar o espaço urbano é uma opção descartada, dada essa intensa ligação com o Combu e suas memórias.

REFERÊNCIAS

- ANAZ, Silvio. et al. **Noções do imaginário: perspectivas de Bachelard, Durand, Maffesoli e Corbin.** Revista Nexi, n. 3. 2014. PUC-SP. São Paulo. Disponível em: <<https://goo.gl/whiZ11>>. Acesso em: 31 de janeiro de 2018.
- CHAVES, Maria P. S. R. **Uma experiência de pesquisa - ação para gestão comunitária de tecnologias apropriadas na Amazônia: o estudo de caso do assentamento de Reforma Agrária Iporá.** 2001. Tese (Doutorado em Política Científica e Tecnológica) – Universidade Estadual de Campinas, Campinas, SP.
- COSTA, Vânia Torres. **Entre viajantes e jornalistas: um olhar sobre os saberes tecidos na escrita do ‘outro’ amazônico.** DCIMA II Colóquio Internacional Mídia e Discurso na Amazônia: anais. Cidade, Memória e Mediação. Disponível em: <<https://goo.gl/amvCSv>>. Acesso em 27 de jul. de 2018. Editor, 1999.
- IBGE. **Panorama de Belém.** Disponível em: <<https://goo.gl/M9wsyK>>. Acesso em 30 jan. de 2018.
- IDEFLORBIO. **Área de Proteção Ambiental da Ilha do Combu.** Disponível em: <<https://goo.gl/eRBH8r>>. Acesso em 30 jan. de 2018.
- LARAIA, Roque. **Cultura: um conceito antropológico.** 12. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar
- LIMA, Guiomar D.; FERNANDES, Luiz P. **A Construção do Conhecimento no Imaginário de um Grupo de Docentes de uma Instituição de Ensino Superior.** Revista ALTERJOR - USP. Ano 02. Vol. 02 Ed. 04. São Paulo. 2011. Disponível em: <<https://goo.gl/CmbnF3>>. Acesso em: 27 de jul. de 2018.
- LIMA, Rebecca dos Santos. **Amazônia cristalizada sob uma narrativa midiática: uma reflexão sobre os Processos Comunicacionais Online.** Anais do I Seminário Internacional de Pesquisas em Miatização e Processos Sociais. Unisinos - São Leopoldo. Disponível em: <<https://goo.gl/nN4oVt>>. Acesso em 27 de jul. de 2018.
- LOUREIRO, João de Jesus Paes. **A Poesia como Encantaria da Linguagem.** Blog do Paes Loureiro. 2007. Disponível em: <<https://goo.gl/6Zi13u>>. Acesso em: 25 de janeiro de 2018.
- LOUREIRO, João de Jesus Paes. **Cultura Amazônica. Uma Poética do Imaginário.** 4º. ed. Belém. Cultura Brasil, 2015
- MONTEIRO, G. V.; Colferai, S. A. **Por uma pesquisa amazônica em comunicação: provocações para novos olhares.** In: Malcher, M. A.; Seixas, N. S. A.; Lima, R.L.A.; Amaral Filho, O. (Ed.). Comunicação midiaticizada na e da Amazônia. Belém-PA: Fadesp.
- PIZARRO, Ana. **Amazônia as vozes do rio: imaginário e modernização.** Belo Horizonte: Editora UFMG, 2012.
- PREFEITURA DE BELÉM. **História de Belém.** Disponível em: <<https://goo.gl/Gs8Hw6>>. Acesso em 30 jan. de 2017.
- SOUSA, L. F. **Espaços dialógicos dos barqueiros na Amazônia: uma relação humanista com o rio.** DSPACE. UFPR. 2013. Disponível em: <<http://hdl.handle.net/1884/28426>>. Acesso em: 27 de jul. de 2018.

ANEXOS 1 – ENTREVISTADOS DA PESQUISA

Figura 1 - Rui de Sousa Quaresma. **Foto:** Adriane Jackson



Figura 2 - Angélica Quaresma. **Foto:** Adriane Jackson



Figura 3 - Leonice de Sousa. **Foto:** Adriane Jackson



Figura 4 - Eronildo dos Santos Costa. **Foto:** Adriane Jackson

